

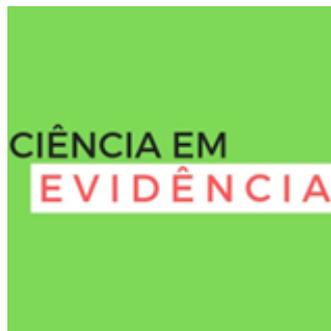


CIÊNCIA EM
EVIDÊNCIA

RCE - EDIÇÃO ESPECIAL PRODUÇÕES DA PGEL - 2022



ISSN 2763-5457



RCE - EDIÇÃO ESPECIAL

PRODUÇÕES DA PGEL - 2022

Fabiana Bigaton Tonin
Sergio dos Santos Clemente Junior
(Orgs.)



ISSN 2763-5457

Apresentação desta Edição Especial

Considerando que a missão da **Revista Ciência em Evidência** consiste em “*ser referência na publicação de estudos multi e interdisciplinares prezando pela qualidade, ética e acesso aberto*” e que o objetivo deste periódico é “*disseminar o conhecimento científico, fruto das ações de pesquisa, ensino e extensão, por meio da publicação de artigos originais, resultantes dos trabalhos de alunos e professores da rede federal de ensino e de outras instituições e contribuir para a constituição da cultura científica fundada no debate e no desenvolvimento das áreas do conhecimento*”, pode parecer que a revista esteja se distanciando do foco de publicar trabalhos acadêmicos originados de pesquisa científica.

No entanto, é importante destacar que o escopo editorial da revista é o de “*promover debates que contribuam para a construção do conhecimento multi e interdisciplinares*”, pois esse é justamente o propósito que justifica a organização desta Edição Especial com produções autorais dos alunos do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Ensino de Línguas do IFSP - Capivari.

As crônicas que se apresentam nesta publicação não são mera criação literária espontânea, mas sim resultado de reflexões envolvendo conhecimentos teóricos trabalhados ao longo do curso e, mais especificamente, da disciplina Letramento Literário, oferecida no segundo semestre de 2022. Desse modo, são textos que dialogam com uma proposta de produção e permitem análises dos percursos discursivos de cada autor.

O fio condutor de tal proposta foi uma provocação: refletir sobre uma experiência de leitura marcante (tanto positivamente quanto negativamente) e relacioná-la com o texto “O direito à literatura”, de Antonio Candido. E as crônicas resultantes de tal proposta não são menos interessantes que tal provocação.

Assim, a contribuição que esta edição especial pode trazer para a área de Análise Literária relaciona-se justamente a essa possibilidade de contribuir para o



conhecimento científico ao publicar textos autorais de alunos, formalmente inseridos em um processo discursivo e reflexivo de criação literária, capazes de suscitar novas reflexões e embasar novas pesquisas, de modo alinhado ao escopo editorial deste periódico.

Certamente, para além dessas justificativas mais teóricas, a publicação dessas crônicas também interessa enquanto frutos das ações de ensino da PGEL e enquanto sementes para disseminação desses exercícios literários para a comunidade de leitores da Revista Ciência em Evidência, que poderão se inspirar para pensar em novas práticas de letramento literário com outras turmas em outros contextos de ensino, evidenciando o caráter multidisciplinar envolvendo as áreas da Educação e do Letramento Literário.

21 de dezembro de 2023.

Érica Maio Taveira Grande é professora de Língua Portuguesa e Literaturas do Instituto Federal de São Paulo - *campus* Capivari. Atua como professora do Ensino Médio, Técnico e Tecnológicos e também como docente do curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas.



Formação continuada de professores como exercício de autoria

Trabalhar com formação continuada de professores é sempre desafiador na medida em que envolve uma intensa negociação de identidades entre professor formador e professor em formação. Ambos com suas vivências, trajetórias formativas e experiências profissionais transformam a tarefa da formação em um movimento constante de revisitar práticas e teorias.

Mais do que nunca, a pedagogia como exercício do diálogo proposta por Paulo Freire (2019) se mostra indispensável se quisermos romper com a lógica bancária da transmissão de conhecimento. Precisamos romper com uma visão estereotipada de formação continuada que olha para os professores em formação como aqueles que têm experiência prática, enquanto que os professores formadores detêm o conhecimento teórico. Quem atua nesses contextos sabe que sempre há um conhecimento mais ou menos explícito sobre teorias, métodos e abordagens que subjazem às práticas pedagógicas.

Na formação continuada de professores, conhecimento teórico e conhecimento prático se unem numa combinação de vozes que também questiona e reformula a ideia de autoridade. Assumir uma postura aberta ao diálogo e à troca é elemento essencial, reconhecendo que há sempre algo que se pode aprender com o outro. Resgato Bakhtin (2016, p. 97) para afirmar que a formação continuada de professores nos incita ao exercício da “confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra de autoridade), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal”, na medida em que o sentido nunca se encerra. Entendendo “autoridade”, aqui, como forma de autoria, de agência.

Nesse sentido, a proposta que se apresenta nesta coletânea materializa uma visão de “docência como lugar de autoria” conforme defendem Monteiro e Correa (2021). No exercício de contar e reviver experiências, temos a oportunidade de compreender o conhecimento profissional que construímos na prática. Assim,

também nos construímos como professores e como sujeitos autores a partir das narrativas que contamos.

Contudo, não quero dar a entender que estamos, com isso, “dando voz” aos professores que, sabemos, muitas vezes têm suas autorias negadas em círculos acadêmicos que valorizam o peso das titulações. Não se trata de apenas “autorizar” (outro sentido ligado à ideia de autoridade) ou “validar” a voz desses professores, pois assim estaríamos retornando à lógica bancária do conhecimento mencionada no início.

Retomo, mais uma vez, Bakhtin (2016, p. 98), para defender que “aqui se encontram posições integrais, pessoas integrais (...), encontram-se precisamente vozes”. O que temos nessa bela coletânea de textos é uma profusão autoral e criativa de muitas vozes, que ecoam práticas e experiências formadoras, presentes e passadas, além do desejo de novas e renovadas possibilidades para a sala de aula e para a formação de professores.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MONTEIRO, Ana Maria; CORREA, Luciana B. V. Insurgências e (re)existências: narrativas e narradores da/na história escolar. In: PEREIRA, Amilcar Araujo. (org.). **Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2021. p. 269-290.

Tiago Pellim é professor de Língua Inglesa do Instituto Federal de São Paulo - *campus* Capivari. Trabalha com temas relacionados aos (Multi)Letramentos, Criticidade e Tecnologias no curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas.



Literatura: janela para desejos e descobertas

Ao longo de quase dois anos, estivemos, eu e um pequeno (e muito dedicado) grupo de colegas, debruçados na elaboração do curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas do IFSP - Campus Capivari. Foram muitos debates, pesquisas, análises. Ao pensar nas ementas das disciplinas, vimo-nos na encruzilhada: como e o que selecionar? Após muitas discussões, eis que montamos a grade e, dentre tantas propostas incríveis, estava a da disciplina de Letramento Literário, a qual ficou sob minha responsabilidade. Nosso intuito, ao conceber o curso como um todo, era proporcionar discussões que convidassem nossos alunos e alunas a pensarem suas práticas, suas experiências, somando a isso perspectivas críticas, tanto inéditas, quanto revisitadas, e convidar a novos voos - teóricos, práticos, pedagógicos.

Quando me pus a elaborar o desenho da disciplina de Letramento Literário, eu pensei em propostas que pudessem somar o teórico-factível ao chão da sala de aula, destacando as experiências pessoais e também convidando os alunos e as alunas a revisitarem suas relações mais profundas com a literatura - assim, quem sabe, pudéssemos revigorar e ampliar nossas práticas e encantamentos. Parafraseando Arnaldo Antunes, em tempos de tantas telas, olhamos pouco as janelas - por vezes, estamos hipnotizados pelas maravilhas prometidas pela tecnologia e pelas inovações e observamos pouco (ou menos do que devíamos) o mundo ao nosso redor, e isso inclui também os livros literários. Os recursos tecnológicos podem nos ajudar - e muito. Mas minha proposta era ir um pouco na contramão e pensar a literatura em estado mais "bruto" - olhar as janelas dos livros, das leituras possíveis, das propostas didáticas, privilegiando textos, leituras e subjetividades.

Dentre tantas possibilidades teóricas, um pilar fundamental seria Antonio Candido. Para pensar além das provas, fichamentos e obrigações desgastadas, tantas vezes impostas e cobradas pela escola, conceber a literatura como direito me

parecia primordial. Assim, a proposta de uma das semanas da disciplina era refletir sobre esse potencial humanizador e profundamente transformador que a literatura pode ter enquanto direito essencial - como a comida, a moradia, a saúde, a educação. Entender que toda pessoa *fabula*, escapa desse mundo de agruras para terras de ficção, poesia, magia, imaginação - ou mesmo revisita as realidade que conhecemos por meio de outros olhos, de outras formas de contar e expressar o mundo. E é direito inalienável do ser humano ter acesso a isso. Daí nossa importância enquanto educadores-mediadores de leituras literárias.

A literatura tem potência e pode atingir recônditos da alma e da experiência pouco óbvios. Como Candido nos fala, literatura pode humanizar, tocar, sensibilizar, alarmar, assustar. Pode encantar e chocar. Literatura é crisálida de poderes humanos, sempre prontos a desabrochar.

Assim, a partir da leitura do texto "O direito à literatura", a proposta de atividade era que cada aluna e aluno refletisse sobre suas experiências, escolhesse um texto literário marcante e falasse sobre esse encontro (feliz ou não), suas reverberações - inclusive no que dissesse respeito a práticas e experiências docentes.

O resultado disso está reunido neste número especial da Revista Ciência em Evidência: textos cheios de paixão, emoção e (re)descobertas. Crônicas que, não raro, trazem pessoas que sentiram em si e no seu olhar sobre o mundo o poder impactante e transformador que a literatura pode ter. Textos que mostram que a literatura pulsa e nos compõe enquanto educadores e educadoras e, sobretudo, enquanto pessoas. Assim, esperamos que você viaje conosco, que se emocione e que se sinta tocado a também pensar sobre suas experiências e a ler sempre mais e mais literatura. Porque já disse o grande Fernando Pessoa: "Navegar é preciso"-então, que naveguemos também por canções, romances, contos, crônicas, poemas, peças de teatro, causos e todo mar inquieto e fascinante que a literatura pode nos proporcionar.

Por fim, é preciso também agradecer a meus colegas por todo apoio e aprendizado. Em especial, ao prof. Tiago Pellim, coordenador e entusiasta desse curso, educador apaixonado e colega incrível, e à profa. Érica Maio Taveira Grande, colega e amiga, que apoiou e acolheu a ideia desse número especial. Por fim, agradeço a cada uma das alunas e a cada um dos alunos da primeira turma desse curso de Especialização que não só me brindaram com suas histórias, mas encheram meus olhos de neblinada emoção a cada crônica compartilhada. Obrigada a todas e todos por estarem conosco e nos ensinarem tanto. Obrigada por estarem nesses caminhos da educação e insistirem nele. E que vocês sigam compartilhando histórias e incentivando olhares de maravilhamento mundo afora.

Fabiana Bigaton Tonin é professora de Língua Portuguesa e Literaturas do IFSP - campus Capivari. Atua como professora do Ensino Médio, Técnico e Tecnológico e também como docente do curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas.

SUMÁRIO

Adaiane Rodrigues Martins	3
A CATARSE DEPOIS DA LEITURA DO POEMA: FOI DE MÃE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Ademar Tavares Neto Júnior	5
ADMIRÁVEL DIREITO NOVO	
Aline Grella de Sá	8
DEVANEIOS DE UMA MENTE SEM MEMÓRIA	
Ana Beatriz Cardoso do Nascimento	10
O INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA	
Bruna Fava Santos	12
CONTINUA DIFÍCIL DE ENTENDER, VÔ!	
Bruno Diego de Oliveira Clemente	14
O DIREITO À ESPERANÇA	
Elisandra Teixeira Marcondes	16
UMA LITERATURA PARA TODOS!	
Fabiana Mendes dos Santos	18
<i>THE MIRROR</i>	
Isaac Leandro Santos Ismerim	20
RELACIONAMENTOS E "A MOÇA TECELÃ", DE MARINA COLASANTI	
João dos Santos Barros	22
O MENINO QUE "TRANSFORMA" MULHERES	
João Paulo da Mata Nogueira	24
(RE)CONHECENDO A HISTÓRIA: REVISITANDO O PASSADO POR MEIO DA LITERATURA	



Jovana de Araújo Dourado	27
HÁ LIBERDADE NA CRIAÇÃO?	
Juliana de Lima França	29
O UNIVERSO IMAGINADO NUMA FOLHA DE PAPEL	
Maria Flávia Laureto Cicigliano	32
SOBRE IR ALÉM	
Sergio dos Santos Clemente Júnior	34
NAVIO NEGREIRO? ... NAVIO DE CRUZEIRO!	
Tayná Gonçalves	36
AS PEGADAS DA LITERATURA	
Thiago da Silva Vieira	38
INCERTEZA	
Tiago Rebecca	40
VIRGÍNIA, AS FLORES E AS MULHERES	

Adaiane Rodrigues Martins

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
adaianemartins@hotmail.com

A CATARSE DEPOIS DA LEITURA DO POEMA: FOI DE MÃE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Gostaria de iniciar a crônica falando o quanto a poesia fez parte da minha formação como leitora, mas infelizmente essa não é minha realidade. Então provavelmente ocorra o questionamento qual o motivo do título? A poesia a meu ver sempre foi de difícil entendimento, não sei se por conta de uma linguagem extremamente literária ou pela subjetividade do poeta.

Ao ler o texto de Antonio Candido sobre o direito à literatura voltei alguns anos atrás quando ainda estava no ensino básico. Acredito que os meus professores da época tiveram contato com essa obra, pois muitos, pelo menos na minha concepção, tinham o universo da ficção e poesia, ou seja, a literatura como uma necessidade universal.

Foi naquele momento do ensino básico que tive meu primeiro contato com a literatura, pois em casa não havia leitores, e quando digo isso é querendo expressar que meus pais não tinham nem o ensino básico quem dirá esse conceito de literatura como arte e direito.

Mas voltando ao poema... tive contato com ele em 2018, em uma palestra que a autora estava presente e que a mediadora da roda de conversa iniciou com a leitura exatamente desse poema.

"O cuidado de minha poesia
aprendi foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida."

Automaticamente lembrei de minha mãe e de repente o poema fez todo o sentido, uma verdadeira catarse, portanto apesar de não ser apaixonada por poemas, sou uma verdadeira fã

de prosa, sempre indico a leitura desse poema. Ele é tão profundo e ao mesmo tempo libertador e por isso só posso concordar com Antonio Candido: a Literatura é um direito inalienável.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre a Autora

Adaiane Rodrigues Martins é formada em Letras-Português pela Universidade Sagrado Coração localizada na cidade de Bauru, estado de São Paulo. Atua no ensino de Língua Portuguesa e Literatura na rede particular e estadual de ensino. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari.



Ademar Tavares Neto Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
ademartavares17@gmail.com

ADMIRÁVEL DIREITO NOVO

Ademar era um jovem de 21 anos, filho da classe trabalhadora, que trabalhava durante o dia, e fazia faculdade à noite. Alguns anos antes, ele começara a trabalhar numa papelaria, e tão logo recebeu seu primeiro salário, matriculou-se num curso de inglês; era o início da realização de um sonho, como uma poupança, em que se depositam as esperanças num futuro melhor. Passados alguns anos, ele seguia empenhado em seu objetivo, e alcançara um nível avançado na língua do ‘Bardo do Avon’. Num sábado, após a aula, seu professor Edson lhe entregou algo e disse:

- Tome! Estou te emprestando este livro. Quero que você o leia. É um clássico da literatura, e tenho certeza de que você vai gostar!
- Mas, Edson, é em inglês?! Será que vou conseguir ler isso?
- *Be brave, man!* Claro que vai! Mas lembre-se: aproveite a leitura, e não se preocupe com as palavras desconhecidas. Foque na história, e *have fun!*

Acanhado, Ademar pegou a cópia de ‘Admirável Mundo Novo’ de Aldous Huxley e a guardou na mochila. Como era inseguro, acreditava carecer dos conhecimentos necessários para ler um clássico em outro idioma; lera poucas obras em sua própria língua, imagine ler uma em inglês, que ainda por cima era inacessível sob vários aspectos. Não! Aquilo não lhe pertencia! Mas, apesar dessas inquietações, ele aceitou o desafio, pois como disse Antonio Candido o maior desafio talvez seja “a falta de oportunidade, não a incapacidade”. Naquele momento, seu *teacher* estava lhe oferecendo uma chance, e ele não iria desperdiçá-la.



O livro inicialmente lhe causou um estranhamento, tanto pela linguagem, mas sobretudo, pelo mundo ficcional criado por Huxley e que se descortinava diante de seus olhos: uma sociedade dividida em castas (Alfas+, Alfas, Betas, Gamas etc.), em que os bebês eram produzidos em laboratórios, e cujos membros eram condicionados de modo genético, biológico e psicológico a aceitar as regras impostas por um regime autoritário... Como assim?! Que loucura?! Como vivem daquele jeito?!

Após o choque inicial, Ademar foi se adaptando à escrita e àquela realidade distópica. Aos poucos, e graças às dicas de seu professor, nosso rapaz foi vencendo suas dificuldades e insegurança, e avançando, página após página, capítulo após capítulo. Impossível descrever o prazer que aquela leitura começou a lhe causar: ele até passou a gostar de ir à faculdade de trem, pois aproveitava esse tempo para se entregar àquele “universo fabulado”, nas palavras de Candido, onde o soma, droga que provocava um estado contínuo de felicidade, era usado para dominar as pessoas.

Imaginem a alegria daquele jovem ao terminar a leitura, e seu desejo patente de compartilhar com todos as impressões, reflexões e emoções gerados por aquele clássico, que se tornara um marco: a partir daquele momento, o inglês também lhe pertencia, pois conseguira construir significados, conscientes e inconscientes, a partir do que acabara de ler. Ademar também se sentia enriquecido, não só em termos linguísticos e culturais, mas seus horizontes haviam se expandido, o que condiz com a ideia defendida por Candido de que a literatura atende as “necessidades básicas do ser humano” e engrandece “a nossa percepção e a nossa visão do mundo”. A partir dessa experiência, seu desejo por essa “força humanizadora” da literatura se tornou constante, e ele passou a ler outros clássicos em inglês, e em sua língua materna.

Graças à iniciativa de Edson, e ao seu próprio esforço, Ademar, aquele “homem do povo”, conseguiu ler seu primeiro clássico em língua inglesa, e essa conquista contribuiu de modo significativo para o seu amadurecimento e enriquecimento sob diversos aspectos. Ao não ser “privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura” de obras literárias, ele pôde acessar o “alimento humanizador” de que nos fala Candido, e usufruir de todas as benesses oriundas do acesso a esse admirável e inalienável direito à literatura.

Devaneios de uma memória sem mente.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre o Autor

Ademar Tavares Neto Junior, nascido em São Paulo, capital, é graduado em Letras, com habilitação em Tradutor e Intérprete - Português / Inglês pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo (2013), antigo Centro Universitário Ibero-Americano. Possui experiência na área de línguas estrangeiras modernas, tendo atuado como professor de Inglês como língua estrangeira em diferentes institutos de idiomas por vários anos. Aluno da 1ª turma do curso de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Ensino de Línguas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Campus Capivari. Esta crônica é resultado de uma atividade realizada na disciplina de Letramento Literário, do curso supramencionado, no qual os estudantes foram convidados a relacionar a leitura de uma obra literária marcante (neste caso, *Brave New World* de Aldous Huxley) ao texto O direito à literatura de Antonio Candido. O autor apresenta seus sinceros agradecimentos à Prof. Dra. Fabiana Bigaton Tonin por ter proposto tarefa tão estimulante e que permitiu fazer reflexões extremamente valiosas acerca da importância da literatura na vida dos estudantes e dos professores.



Aline Grella de Sá

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
lehrerin.aline@gmail.com

DEVANEIOS DE UMA MENTE SEM MEMÓRIA

Precisei buscar fundo nas obras gravadas na minha própria história. Algumas li há anos, nem sei quantos. Recordo-me de uma dita Cabana, que quanto mais folheava, mais maravilhada ficava com as frases profundas do narrador. As palavras eram usadas de uma outra maneira, como se estivessem fora do contexto normal. Aproveitei muito as reflexões intensas sobre a vida.

Enquanto escrevo, recordo-me de livros que me deram essa sensação. Sensação de que palavras tocaram tão fundo o meu ser. Palavras que me permitiram refletir e ver as coisas de uma forma que eu ainda não tinha visto. Visão que me tirou de dentro da caixinha chamada cotidiano. E o mais engraçado é o sentimento, durante a leitura, de que aquela história está envolta em Brumas, como se fosse um sonho. Não sei explicar. Seria a literatura um Sonho lúcido de uma Noite de Verão?

O encantamento da leitura é certo, mas a minha memória, não. Não lembro dos livros com detalhes – ou não lembro de nada – somente o que ficou foi essa lembrança de como me senti ao ler. E isso já não basta? Não seria esse o motivo do professor Antonio Candido escrever *O Direito à Literatura* (2017)? Não seria esse o motivo pelo qual todos devem ter acesso aos livros? Para sentir – como eu senti – que aquilo que estão segurando nas mãos não é apenas um manuscrito e o que há escrito nele não são apenas palavras, mas sensibilidade, trabalho árduo e um “quê” de musas. Para sentir que a literatura não tem a obrigação e nem a vontade de agradar a ninguém e mesmo assim agrada. Para sentir que os anseios da alma devem ser alimentados. Para sentir que não é somente o corpo que deve ser nutrido, mas também o coração. Com as palavras do Barão Antonio Candido “são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual” (2017, p.176).

Vale lembrar que este texto é um esparrame de palavras. Mas o que tem a ver a literatura com isso? Pois bem, se não fosse ela, provavelmente este esparrame não estaria aqui, porque a literatura me transformou. Guiou-me por horizontes que talvez eu nunca cruze na minha vida, modelou minha existência de uma maneira que não há volta. É difícil descrever o que a arte da palavra faz com a gente, porque nós somente sentimos e o sentir nos faz vivos. Citando Candido “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (2017, p.188).

Assim, a literatura me mostrou o que é o humano em suas mais diversas vertentes: pensamentos, comportamentos, ideologias, sonhos, dias que Valem a Pena Viver. Sinto que, a cada livro, mergulho em uma forminha de moldar. No seguinte, caio no chão e quebro-me por inteira. No outro, reconstruo-me. Esse é o ciclo da vida e o ciclo da palavra.

Neste singelo desabafo deixo as lembranças das sensações de ler *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley; *O Barão*, de Branquinho da Fonseca; *Sonho de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare; *A Cabana*, de William P. Young e *A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver*, de Ana Claudia Quintana Arantes.

Finalizo reafirmando que o direito à literatura é o poder de experimentar a vida; é a virtude de se autoconhecer enquanto ser humano, vivendo em um determinado país, em determinada época e determinado corpo. A literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 2017, p.178).

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre a Autora

Aline Grella de Sá, natural de Jundiaí-SP, formou-se em Letras Português-Alemão pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 2012 e trabalha como professora de Língua Alemã há dez anos. Em 2017, enriqueceu sua formação ao participar de um curso de Alemão na cidade de Berlim, na Alemanha, por meio de uma bolsa de estudos concedida pelo *Goethe-Institut* São Paulo. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Além disso, dedica-se constantemente a cursos de aprimoramento, mantendo-se sempre atualizada nas melhores práticas de ensino-aprendizagem. Aos que quiserem acompanhar seu trabalho no Instagram, sigam @fraudulac.



Ana Beatriz Cardoso do Nascimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
anabeatrizc.donascimento@hotmail.com

O INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA

O ano era 2015. Eu, Ana Beatriz Cardoso, estava no primeiro período da faculdade de Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A primeira semana de aulas foi um pouco diferente. Na verdade, muito diferente, pois foi recheada de trotes e de conhecimentos sobre a universidade. Eu estava tão feliz por estar ali que parecia que estava em um sonho lindo.

Um dia depois do trote, a realidade universitária se fez presente (risos). A minha primeira aula como universitária foi Teoria Literária. Tudo era muito novo, então, quando vi esse nome fiquei assustada e pensei: “E agora, Bia? A festa acabou” parafraseando o poema de Carlos Drummond “José”; “Vou precisar de ajuda, já que não tive tantas aulas de Literatura na escola”.

Marcia Lisboa, professora de Literatura, nos deu o cronograma e disse: “Se prepare, porque vocês lerão Édipo Rei.” Estava muito curiosa para saber qual seria o enredo. Então, fiz uma busca rápida na internet. A informação encontrada foi que o filho se casou com a mãe. Isso me lembrou algumas histórias fortes bíblicas e fiquei chocada. Após a leitura da obra pude entender todos os motivos e razões para o acontecimento.

Algumas semanas depois, comecei a leitura da obra Édipo Rei, de Sófocles. Quando comecei a ler, logo percebi que não era um texto que estava acostumada a ler nas escolas públicas que estudei a minha vida inteira. Esse foi o primeiro “Acorda, Bia, estamos em uma realidade diferente”. Através da leitura e de pesquisas descobri que o que eu estava lendo era uma peça do teatro grego antigo, sendo classificado no gênero tragédia.

Dias se passaram e eu estava encantada com a leitura e ao mesmo tempo profundamente curiosa para descobrir quem tinha matado Laio e o que aconteceria com Édipo. Toda essa catarse que despertou em mim é a representação da presença da literatura na



minha vida, como aponta Candido. O autor afirma que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2017, p.176). Ele ainda afirma que “ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (*ibidem*, 176).

Em concordância com essas citações, pude me conectar com a realidade da obra e vivi momentos de entrega. Por conta disso, terminei a leitura em dois dias tamanha satisfação e encantamento que senti. Deste modo, entendemos que a literatura é um “fator indispensável de humanização”, porque atua no subconsciente e inconsciente. Permitindo assim, a evolução do leitor nos aspectos crítico e reflexivo.

Por isso, o papel que os textos literários permitem a sociedade é de transformação de vidas. Outros critérios importantes são estabelecidos por Candido (2017) como, por exemplo, “instrumento poderoso de instrução e educação; forma de conhecimento, enriquecimento da percepção e visão de mundo e a literatura como forma de humanização.” Todos esses critérios permitem que a sociedade enxergue a vida por cima de um muro, não de hipocrisia”, como afirma Lulu Santos na canção “Tempos modernos”, mas uma sociedade paralela recheada de encantamento e fabulação. Viva a Literatura e tudo que ela permite cada ser humano experimentar.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Santos, Lulu. **Tempos modernos**. Letra da canção disponível em: <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/47144/>. Acesso em 23 de nov. de 2023.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

Sobre a Autora

Ana Beatriz Cardoso do Nascimento é graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), campus Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP). Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari, e Mestranda em Estudos Linguísticos na UERJ/FFP. De 2016 a 2018 pesquisou sobre a representação de pessoas pretas nos livros didáticos de Inglês. Atualmente, investiga sobre crenças, emoções e motivação na aprendizagem de Língua Inglesa.

Bruna Fava Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
aulasbrunaportugues@gmail.com

CONTINUA DIFÍCIL DE ENTENDER, VÔ!

Meu avô se foi quando eu tinha oito anos. Eu não tive tempo de me despedir dele, mas lembro-me de suas mãos com calos, dos seus olhos amarelados, de sua barriga grande e dura com o umbigo saltado semicoberta por uma camiseta que há tempos não servira.

Três anos depois, minha avó também faleceu e lembro-me dela pedindo que eu pingasse dipirona para sanar suas dores. Ironia do destino, ela amava dipirona e faleceu de hepatite medicamentosa. É muito maluco porque lembro-me da voz dos dois.

No meio de perdas tão importantes, ganhei um livro da escola.

O título me chamou atenção: “É difícil de entender, vô!” de Nelson Abissú. Aos nove anos, eu não sabia nada sobre verossimilhança. Eu não sabia que a literatura me seria indispensável como disse Candido, muito menos que ler, me garantiria como direito, a integralidade intelectual.

Minha vó amava assistir o programa do Datena na televisão, no último volume. Ela sabia ler e escrever, mas me contava histórias que ouviu quando era criança, baseadas em sua cultura.

Quando terminei de ler o livro que me referi acima, eu chorei. Eu não sabia o porquê daquilo, só doía. Era saudade.

Olhando para trás, hoje, percebo que, eu chorei porque de alguma forma, a realidade do livro, do menino que perdeu seu avô, se cruzou com a minha história. E eu precisava derramar aquelas lágrimas para entender que o luto passaria e ficaria a essência do amor que meus avós sempre tiveram comigo.

Minha avó assistia o Datena, mas buscava no faz de conta, me mostrar como eu podia através dos livros, encontrá-la de novo, no mesmo sentimento que envolvia o seu abraço.

Referências

ABISSÚ, Nelson. **É difícil de entender vô!** São Paulo: Atual, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre a Autora

Bruna Fava Santos, poense (SP), professora, pedagoga, bacharela e licenciada pela Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos, no curso de Letras - Português e Espanhol. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Pesquisadora na área de Ensino de Línguas por meio de Curtas-metragens e os Aspectos Interculturais. Bruna Fava é apaixonada pela sua família e por seus cachorros. As histórias de infância são marcos importantes na sua vida e formação, uma das histórias contadas pelo seu avô foi motivo de seu interesse pela área de pesquisa escolhida.

Bruno Diego de Oliveira Clemente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
bruno-mann@hotmail.com

O DIREITO À ESPERANÇA

Nem bem fecharam-se as comemorações do dia 30 de outubro, eu, ainda inebriado e aos tropeços, decidi voltar pra casa e me cercar dos totens e amuletos que sempre me socorreram: os livros.

Me socorriam, confesso, em tempos nefastos, mas, ao despertar do alívio daquela noite, me permiti folhear os volumes por puro deleite e pirraça, rindo aos ventos, tudo porque o velhinho de barba branca e roupas vermelhas tinha chegado mais cedo naquele ano.

Distraído, então, olhei pela janela e imaginei ter visto um homem, em chamativa camisa amarela, agarrado a um caminhão.

- Exagerei na cachaça...- concluí prontamente, mas logo me lembrando que morava neste meu Brasil de 2022, onde se apontavam caixas de remédios duvidosos a emas e onde se reuniam multidões em dias festivos para a louvação de uma suposta rigidez fálica presidencial.

Freud explicaria?

Não era difícil saber, já que o único volume mofado e secular que tinha diante de mim não era o do presidente- Deus é bom- mas os Três Ensaios de Freud, numa edição de 1976.

Preparei um café sem açúcar, posicionei-me desengonçadamente na poltrona e folhei o livro, interrompendo tal gesto em precisos dois minutos e treze segundos, tudo porque me atacou a rinite e me veio uma dor tão forte como se dois chifres estivessem saindo da minha testa, algo muito semelhante ao que os milhares de manifestantes patriotas deviam sentir quando saíam de suas casas para bloquear as rodovias por esse Brazilão, enquanto suas mulheres, resignadas e orgulhosas, aguardavam seus respectivos maridos em suas casas, invariavelmente acompanhadas, já que esse mundo tá tão perigoso, não é mesmo?



Como Freud me era impossível por questões fisiológicas, apanhei os Vários Escritos do Candido, em assada edição. Requeitei meu café e passei os olhos pela elegância do crítico, detendo-me em um de seus textos mais emblemáticos, o Direito à Literatura.

Quanto otimismo! Quanta visão positiva daquele futuro que se descortinava, ainda que em época tão funesta. Candido citava, quase orgulhoso, de que as classes dominantes reconheceriam a barbárie deposta sobre os trabalhadores, concedendo-lhes dignidade. Os empresários, não mais atrelados a posições reacionárias, dariam o que ao povo lhe deve ser dado. As crianças, não mais brutalizadas; o povo, não mais relegado às mazelas sociais. O pão dividido e a comida também, como não suficientes, ainda se dará, a este povo que clama, livros! Dos melhores que possam haver! Mas, com o gosto amargo que podia ser do café, constatei os últimos anos, onde a dominância subjugou ainda mais o povo, onde empresários sacrificaram a massa em nome do vil metal, onde as mãos mais famintas do que nunca desabrochavam em cada esquina, onde mais armas circularam entre nossa gente, muito mais que livros.

Fechei o luminoso volume, desorientado, mas estranhamente aliviado.

Ao velhinho de barba branca, para este Natal e para os próximos anos, eu já sabia o que pedir.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CLEMENTE, Bruno. **Quando olham os anjos**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Primeiro Capítulo, 2022.

CLEMENTE, Bruno. **Minha sombra vestida de flores**. 1ª edição. Belém-PA: Folheando, 2023.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Sobre o Autor

Nascido na Cidade de São Paulo em 1989, mudou-se para Hortolândia- SP em 2004 e hoje mora em Valinhos-SP. É Bacharel em Linguística pela UNICAMP e aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Professor de idiomas, tradutor e consultor linguístico. É também membro da Associação Internacional de Hiperpoliglotos (*The International Association of Hyperpolyglots*: HYPIA). Apaixonado por música, literatura e ensino. Publicou dois livros: *Quando Olham os Anjos*, um romance e *Minha Sombra Vestida de Flores*, de poesias.

Elisandra Teixeira Marcondes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
elisandramarcondes@gmail.com

UMA LITERATURA PARA TODOS!

Semana passada resolvi conhecer Baependi- MG, uma pequena cidade conhecida pelos milagres da Beata Nhá Chica. Ela foi uma escrava de muita sabedoria, não sabia ler e nem escrever, mas tinha o dom de orientar as pessoas, além de prever certos acontecimentos. Ao chegar na cidade, percebi muita simplicidade, pois as ruas ainda eram revestidas de paralelepípedo, nas janelas tinham toalhas de renda brancas com imagens da Beata, simbolizando a fé daquelas pessoas.

Ao me dirigir à igreja fiquei muito admirada, pois estava sentado na escadaria, um pequeno garoto de uns dez anos de idade e ao seu lado uma caixa de madeira. Esse pequenino era um engraxate! Parei e fiquei a observá-lo e não sei como veio em minha memória uma crônica de Mario de Andrade, “Meu engraxate”, que eu havia lido muito tempo atrás. Essa crônica falava da fidelidade dos clientes com os pequenos engraxates e uma frase que ficou em minha memória foi “a de que se o cliente ensinasse, poderia ficar um bom engraxate”. Entrei na igreja e ao sair me deparei com a criança terminando um cliente. Já era por volta das treze horas, então me perguntei que horas essa criança vai à escola? Com certeza, não vai!

Fui embora daquela cidadezinha com um sentimento imenso de culpa, me lembrei que os Direitos Humanos não eram igualitários, e que nas palavras de Antônio Candido “o que pensamos ser indispensáveis para nós é também indispensável para o outro” (2017, p.174). Mas, por que é tão difícil oferecer educação igualitária e de qualidade para todos? Que mundo aquela criança conhecia? Será que já viajou por obras literárias? Ou se quer pode sonhar com mundos encantados presentes nos livros?

Nem sei o porquê tudo aquilo ficou na minha cabeça, ora era a imagem da criança, ora as palavras do escritor Antônio Candido (2017, p.188), o qual dizia “ que a literatura é uma



necessidade universal, sob pena de mutilar a personalidade, simplesmente pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, liberta do caos e nos humaniza”. Ai, está a questão que me incomoda! Ainda, nas palavras do escritor, “a literatura pode ser um instrumento que nega ou desmascara a restrição aos direitos, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual entre tantos outros” (p.188). É por meio da literatura, que muitas pessoas conseguem mudar seu ponto de vista e se tornam mais esclarecidos. Se tornam humanos!

Penso que será difícil esquecer a imagem daquela criança, mas torço para que sua vida tenha um outro rumo, que tenha o direito de ter estudo e conhecimento. Que ele possa viajar por obras literárias incríveis, escrever contos e decifrar o mundo, pois só assim, conseguirá libertar sua mente e sua alma.

Referências

ANDRADE. Mário de. **Os filhos da Candinha**. São Paulo: Martins, 1963.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre a Autora

Elisandra Teixeira Marcondes, natural de Andradas- MG. Graduada em Letras pelo UNIFEOB- Centro Universitário Fundação de Ensino Otavio Bastos, em São João da Boa Vista e Pedagogia pelo UNAR- Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”, Especialista em Língua Portuguesa pela UNICAMP- Universidade de Campinas, Especialista em Inserção Social pelo IFSP- Campinas. Professora de Língua Inglesa na E.E. Dr. Telêmaco Paioli Melges- Campinas e designada diretora da E.E. Prof. Dr. Carlos Araújo Pimentel, Campinas- SP. Atuou como supervisora do PIBID - UNICAMP (2010-2014). Reside em Campinas desde 2000, participa das formações do EFAPE- Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, Paulo Renato Costa Souza, profissional atuante e comprometida com a Educação do Estado de São Paulo. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari.

Fabiana Mendes dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
fabiana.mendes@yahoo.com.br

THE MIRROR

Faz muito, muito tempo, parece até ter sido outra existência.

Ele cruzou o meu caminho e abalou-me as estruturas.

Belo, altivo, mas não muito gentil, deveras cruel, na verdade. Dorian, com sua pele alva e o poder de sedução semelhante ao de um vampiro, foi se achegando, assim como quem não quer nada. Levou-me por diversas vezes ao teatro e conduziu-me, por fim, ao livro, que devorei com voracidade quase pueril.

Fui me deixando enredar pelo exibicionismo daquele que fazia suspirar a homens e mulheres.

Aclamado por essa sociedade que celebra o externo acima de tudo, e um externo plantado, predeterminado, foi enganando as pessoas ao redor e ficando cada vez mais atroz, terminando por atingir o cúmen.

O real retrato de sua personalidade, cuidadosamente ocultado, revelou verdades não tão belas sobre seu interior e, de certa forma, aliviou-nos a todos.

Imperfeitos e acolhidos, deixávamos o teatro ou virávamos as páginas meio estarecidos.

Quão distante iríamos nós em nome da beleza exterior? Quão distante havíamos ido, muito provavelmente...

O ciclo da filosofia psicológica de Wilde conectou os dois extremos, o da beleza exterior e o da feiura interior, e humanizou nossas mentes.

Candido trata do direito à literatura como algo primordial.

O impacto na formação do pensamento de alguém causado por ela é difícil de descrever.

Como seria eu sem os encontros com a beleza das artes. Seria eu alguém? Certamente. Muitos o são. Mais embrutecida, seguramente. Menos livre, menos crítica. Por vezes, mais feliz, talvez... Abençoada pela obscuridade da ignorância.

Concordariam Macabéa, sinhá Vitória?

Não sei dizer.

As obras vão, literalmente, povoando o interior do leitor e os personagens mais chegados interagem com a nossa consciência. É uma interação dialógica, natural e indissociável.

Nossas frivolidades resistem, mas seguramente não serão as mesmas depois de Wilde.

Certo grau de frieza e indiferença pela pobreza alheia persistirá. Não jazirá imaculada, contudo, após o encontro com *Les Misérables*...

Candido está coberto de razão: A literatura (e eu iria mais longe - as artes) é um direito essencial do ser humano.

Propositalmente negada e bem segregada pelo perigo que representa, afinal, mentes libertas, tanto quanto é possível ser, não corroboram com os absurdos abundantes perpetrados pela sociedade.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: Editora FTD, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 74ª edição. São Paulo: Editora Record, 1998.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: L&PM, 2001.

Sobre a Autora

Fabiana Mendes, professora de Inglês, estudante de francês, autodidata em línguas e afins, graduada em Letras pela Universidade Paulista - UNIP. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Atuante na educação há mais de 15 anos e contando... Amante de livros e de leitores... Das artes. As elucubrações e sentimentos com os quais elas nos intrincam são capazes de transformar nosso interior e de refleti-lo, tal qual um espelho, título que encabeça o texto que segue.

Isaac Leandro Santos Ismerim

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
prof.isaacismerim@gmail.com

RELACIONAMENTOS E "A MOÇA TECELÃ", DE MARINA COLASANTI

A moça tecelã, de Marina Colasanti, é um conto de um personagem que tece tudo que deseja, desde comida para se alimentar a um homem para lhe fazer companhia. É interessante ver a independência da personagem no começo do conto, a qual tece suas vontades e seus desejos.

O que choca é que, ao dar vida a um homem, ela deixa de tecer o que deseja e passa a criar o que ele quer, trazendo para a trama aspectos como tristeza e angústia. Neste trecho, a personagem passa de uma extrema independência a trabalhar incessantemente para as vontades do marido, nos fazendo questionar: até que ponto estamos dispostos a ir em um relacionamento para ter companhia? Até que ponto sacrificamos nossa felicidade, bem estar e vontades em detrimento de uma convivência? E esse é o ponto, se pegarmos as ideias de Candido em seu texto “Direito à Literatura”, de que modo esse conto nos ajudaria a enxergar o nosso próprio relacionamento, questionando o nosso papel e nossas vivências? Além disso, nos faz refletir sobre quantos relacionamentos têm esse caráter abusivo, depreendido do texto com a palavra “obriga”, por exemplo.

Como leitor, pude enxergar a realidade desse conto por conhecer situações parecidas, nas quais moços e moças se aproveitam de companheiros(as) (moças tecelãs) e os induzem a construir os que desejam. Como leitor, é possível se emocionar com este conto justamente por ele por em foco questões como dependência emocional e ilusão, aspectos que fazem parte de nossas vidas em muitos momentos.

À medida que lemos o conto, fazemos conexões sobre nossos próprios relacionamentos. Momentos que abdicamos de algo em detrimento do outro e muitas vezes nos diminuimos nas relações pelo fato de uma companhia.



É interessante ver como as moças e moços podem ser representados pelo conto, posto que por possuir uma linguagem simples, como leitor, conseguimos entender muitas razões pelas quais a moça continua tecendo.

Mas, da mesma forma que tece, ela pode puxar as linhas e desfazer o que foi feito. Para isso, a consciência deve estar presente. No conto, é claro, essa percepção é encontrada e, ao chegar no seu limite, depois de ter tecido o palácio, a personagem se dá conta e começa a puxar as linhas do que havia construído. Se relacionarmos a obra com a própria literatura vemos esse caráter emancipador.

Logo que se dá conta, a personalidade da moça se refaz, mas não de um modo padrão, ela destrói o que foi construído antes do homem e a felicidade retorna quando avista sua casinha. Em outras palavras, é como se ela reencontrasse sua independência e percebesse que sua felicidade estava ali. É esse o caráter emancipador da literatura, ao mesmo tempo que cria e reproduz aspectos do dia a dia, oportuniza espaços para questionamento e não aceitação da realidade. Esse sentimento de felicidade retomado pela Moça Tecelã nos faz enxergar que, mesmo que a situação tenha tomado proporções gigantescas, no caso dela todos os desejos haviam sido cobertos para dar lugar aos do marido, ou seja, o relacionamento apagou seu próprio objetivo de vida e vontades, podemos retomar a rédeas e consciência, desfiando os males e tecendo novos e/ou diferentes caminhos. Por isso, é importante que esse direito à literatura seja ampliado e fortalecido, para que muitas moças e moços em situações semelhantes possam, através do acesso, ter uma semente plantada de como estão suas vidas.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

Sobre o Autor

Isaac Leandro Santos Ismerim, natural de Japaratuba/SE, é Graduado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, é Mestrando em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS) e aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. É professor efetivo da Rede Estadual de Alagoas e da Cultura Inglesa Arapiraca e integra o grupo de Pesquisa Letramentos em Inglês: Língua, literatura e Cultura (UFS). Desenvolve pesquisas na área de Ensino de Línguas, Tecnologias, Linguística Aplicada e Letramentos.



João dos Santos Barros

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
joao-pib@hotmail.com

O MENINO QUE “TRANSFORMA” MULHERES

Certa vez, com meu sobrinho Davi, de 10 anos, parei o carro num movimentado cruzamento de Boa Vista (RR). Era noite e voltávamos de uma festinha de aniversário do coleguinha de escola. Aí Davi começou a apontar para as travestis que transitavam pela esquina e dizia: “Eu te transformo em mulher” ou “eu te transformo em mulher com peruca loira” ou “eu te transformo em mulher com peruca preta”.

No mesmo instante lembrei da história narrada no livro “O menino do dedo verde”, de Maurice Druon, cujo personagem “Tistu”, onde tocava com as impressões digitais, tornava verde e alegre. De repente Davi pergunta porque aquelas mulheres eram diferentes da sua mãe (minha irmã), das tias, das avós e de tantas outras que ele conheceu. Lembro de ter dito que as pessoas não são iguais e que as diferenças são parte da nossa existência nesta terra e que a gente precisa saber lidar, respeitar e entender que todos somos diferentes. Aproveitei para explicar que são travestis, que não estavam fazendo mal a ninguém e se vestem assim de dia e de noite, muitas vezes para sobreviver, não entrei em detalhes sobre prostituição ou coisa parecida.

À medida em que crescer, Davi saberá que as travestis têm tristes motivos para estar nas esquinas das cidades, que vivem à margem da sociedade e que são violentadas pelo Estado, pela família e pela sociedade em geral.

Neste contexto, sobre o produto das imaginações e construções de Davi, cabe a definição de literatura feita por Candido (2017), ao chamar de literatura as criações de toque “poético”, “ficcional” ou “dramático” em todos os níveis de sociedade e em todos os tipos de cultura.

Davi estava criando um personagem enquanto via as travestis. Ele estava fabulando, selecionando personagens para uma história que só ele construía no seu íntimo.

É por esta razão que Candido também afirma que a literatura tem um papel fundamental, para a sociedade, no processo de educação, nos currículos, como equipamento intelectual e afetivo. Nenhum sujeito deve ser privado de acesso à ação transformadora da literatura, assim os personagens marginalizados precisam ser descritos nas narrativas literárias, não como delinquente, personagem cômico ou pitoresco (Candido, 2017).

Todas as vezes que meu sobrinho passa por locais onde há travestis, já não as enxerga com o mesmo estranhamento. Neste contexto, o menino viveu um desmascaramento, o foco nas restrições de direito ou negação de direitos. Ledo engano acreditar que na educação infantil, o trabalho com a oralidade e com as formas populares não é visto como uma inserção no mundo da literatura (Dalvi & Rezende, 2013). Davi cria, constrói, inventa e fabula depois de ouvir tantas outras histórias, diariamente.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

DALVI, Maria Amelia; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.) **Leitura literária na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. Tradução de D. Marcos Barbosa/ilustrações de Marie Louise Nery. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Sobre o Autor

Nascido no Maranhão, migrou com a família ainda criança para o Estado de Roraima. Atualmente reside no Rio de Janeiro por conta dos estudos. Graduado em Língua Portuguesa e Literatura (Universidade Estadual de Roraima - UERR). Mestre em Literatura (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima - PPGL/UFRR). Doutorando em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPEd/UERJ). Aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Pesquisador nas áreas de Educação e Letras, com ênfase em Educação Inclusiva e processos educacionais de imigrantes venezuelanos, ensino e aprendizagem de Português como L2.

João Paulo da Mata Nogueira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
joapaulodamata1997@gmail.com

(RE)CONHECENDO A HISTÓRIA: REVISITANDO O PASSADO POR MEIO DA LITERATURA

A vida universitária não é fácil. Vários textos para se ler, conteúdos para assimilar, várias tarefas para fazer e vários compromissos para cumprir. No meio dos vens e vais de cada disciplina, provocações emergem das diversas faces que o curso de Letras provoca. Aprender que o curso de Letras não é somente letras, é significado, relações de poder, história, literatura, gramática, fruição, é verbal, mas também é não-verbal.

Nesses enlances cotidianos, lá pelo fim da graduação, uma disciplina de literatura me chamou a atenção. Em meio a textos que relatavam a história não contada da escravidão por meio da literatura e denunciavam o racismo estruturado provocaram em mim um efeito de conscientizador sobre a realidade vivida no Brasil. Muitas das vezes a realidade é posta como algo que "sempre foi assim" e não como um produto social e histórico, repleto de relações de poder, colonizações e processos duros de se ler e de se imaginar como realidade.

É nesse ambiente que o livro "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz, entra em ação como uma das leituras obrigatórias da disciplina de Literatura Brasileira. É um livro bem intenso, no qual se narra a história de uma família de africanos desde seu rapto no seu país de origem até os dias atuais. Ao refletir sobre aquele momento particular de minha vida, recupero as palavras de Antônio Candido "por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática" (Candido, 2017, p.177). Essa manifestação literária narra uma história que muitos de nós não tivemos acesso no ensino fundamental e médio.



Nossa reflexão é limitada pela história vista de um só ponto, como Chimamanda já anuncia o perigo de histórias com apenas uma vertente.

Mais do que um momento de leitura, é um momento de reflexão com o íntimo, com nossas experiências, com o enxergar quem sou nessa história, quem não sou, a quem minhas atitudes se assemelham. A experiência da leitura dessa obra reflete as palavras de Candido um dos compromissos da literatura: "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fortalecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem, e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante" (Candido, 2017, p.177). A literatura como forma de resistência de uma história, de narração dos fatos inenarráveis, de evidências dos rastros que foram apagados.

Nos últimos 20 anos, vimos a universidade se tornar um lugar mais plural, mais colorido e, evidentemente, isso se reflete também nas pesquisas e na produção de conhecimento com diferentes perspectivas. Digo isso porque recorro a alegria de muitos durante a graduação, colegas que foram os primeiros de sua família a entrarem na graduação de uma universidade pública, muitos, assim como eu, serem os primeiros a cursarem um curso de nível superior. Como isso se relaciona com "Água de Barrela"? Há um momento muito significativo que é o de ser o primeiro em sua ascendência a ter acesso aos livros. Transcrevo uma passagem super emocionante: "Damiana estava mergulhada no universo religioso do colégio das irmãs da caridade, o que criou a princípio alguns conflitos com a mãe. No entanto, ele sabia que não fosse Martha estaria na barrela. Não que não tivesse lavado e alvejado para as freiras, mas ao menos lá teve acesso a coisas que jamais teria se continuasse onde estava. A mãe, por seu lado, tratava de não confrontar com a filha, de que tinha enorme orgulho por ser a primeira de sua família a obter instrução formal e aberta, sem esconderijos. Não deixaria que a diferença entre crenças fosse um obstáculo" (Cruz, 2018, p.177).

O trecho relatado anteriormente emociona, comove, move. Move algo dentro de nós ao reconhecer o quanto nossa história é violenta, o quanto não tem como analisar uma situação sem fazer um recorte de raça, classe e gênero no nosso país. No livro a mãe foi lavar as roupas das freiras em troca do estudo da filha na escola religiosa. É um ponto onde a realidade daquela família começa a mudar. Nossa, é muita história de muitos brasileiros retratada desde a África até os muitos momentos de guerra, de abolição, de más condições até



chegar à geração do fim do século XX. Recuperando Candido: "a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo que ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. [...] Um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual" (Candido, 2017, p.188). Por conseguinte, ler é um ato que nos transforma, nos tornamos outros, dá vontade de ler mais, reler os que já conhecemos! Nossa! Como nos toca em sentimentos, afetividade, emoções, ela desperta em nós o que nos torna humanos ao passo que denuncia, narra outras versões da história, nos dá esperança, indignação, tristeza e felicidade! A literatura é poder e conscientização!

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- CRUZ, E. A. S. **Água de barreira**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Sobre o Autor

João Paulo da Mata Nogueira é professor particular de Inglês. Graduado em Letras Português e Inglês pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestrando em Letras Estrangeiras Modernas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari.

Jovana de Araújo Dourado

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
jovana.a.dourado@gmail.com

HÁ LIBERDADE NA CRIAÇÃO?

O livro “O perigo de uma história única” é uma adaptação da primeira palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adiche no TED Talk, em 2009.

Este texto chegou até mim durante a graduação de Pedagogia em 2018, o professor de Sociologia da Educação em questão, apresentou esta obra sob o contexto da teoria de Bourdieu sobre a economia das trocas simbólicas e do capital cultural, as quais criticam a educação por dissociar a reprodução cultural da social. Sobre isto, a escola pode servir como um agente reprodutor e não transformador da realidade. Do mesmo modo, a escola ao cobrar indiretamente um conhecimento simbólico, que deveria vir “de casa”, pode estar reproduzindo e valorizando apenas a cultura dominante, pois não há como cobrar referências que a criança ainda não possui, a família, neste caso, não pôde oferecer nada além dos padrões socialmente legitimados. Quando Chimamanda, uma nigeriana, diz em seu relato que, quando criança, escrevia histórias em que seus personagens eram brancos de olhos azuis, comiam maçãs e ficavam felizes quando não nevava representa exatamente a limitação de identidade cultural e representatividade na cabeça de uma menina que seguia ou era influenciada por parâmetros reprodutores de desigualdade.

Ao ler Antonio Candido, o texto de Chimamanda imediatamente retornou aos meus pensamentos, pois a educação é influenciada/determinada pelas estruturas sociais, dissimulando as relações de poder e reificando as disposições estabelecidas a fim de aprisionar as contradições para que não haja alteração da realidade. Candido coloca a educação como fator indispensável de humanização, servindo como um equipamento intelectual e afetivo para a mudança social. Ainda segundo o autor, o direito à literatura está

incorporado à categoria de bens incompreensíveis que servem, sobretudo, como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.

Desta forma, o texto de Chimamanda soa como um pedido de socorro por liberdade, uma liberdade que não está limitada ao tempo cronológico do enunciatório, mas que vem sendo determinada pela cristalização da cultura dominante sobre qualquer forma de expressão dos sujeitos não hegemônicos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer - 2.ed. - São Paulo: Edusp, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre a Autora

Bacharela em Letras (Português/Chinês) pela Universidade de São Paulo (2016), onde foi contemplada com bolsa mérito da Comissão de Cooperação Internacional da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a realização de um intercâmbio de seis meses na Xian International Studies University - Xian, China (2015-2016). Licenciada em Pedagogia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - Campus Campos do Jordão - SP (2022). Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Natural e residente em Campos do Jordão - SP, na qual atua como professora há 6 anos.

Juliana de Lima França

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
julifran20@yahoo.com.br

O UNIVERSO IMAGINADO NUMA FOLHA DE PAPEL

Ser um leitor apaixonado pelas literaturas pode sempre nos colocar em contato com as mais diferentes obras e visões de mundo. Há certas obras que nos impressionam. Pode ser com uma dose de amor, carinho, identificação. Outras nos impressionam com uma dose de desconforto, medo e paranoia.

Do primeiro tipo poderia citar todos os grandes livros de literatura infanto-juvenil lidos ao longo da adolescência. Já do último tipo, sempre lembro muito de Fahrenheit 451, de Ray Bradbury (2003). Comecei sua leitura há anos quando ainda estava na faculdade. Lembro-me de achar bastante interessante a premissa de que os livros seriam algo tão perigoso que precisava ser eliminado da vista. Antônio Candido menciona em seu texto “Direito à Literatura” que a literatura pode confirmar, negar, propor ou combater ideias, assim como denunciar problemas. E em uma sociedade em que pensar gera problemas, um livro é uma arma perigosa.

Em um futuro não mencionado, uma sociedade vive em completa alienação. Totalmente controlados pela TV, a população fica entregue a uma letargia e desinteresse por qualquer atividade que exija uma concentração e abstração maior. Incluindo a leitura. Qualquer semelhança com nossa realidade atual pode ser mera coincidência. Acabei pensando nas inúmeras vezes em que fui interrompida de uma leitura por barulhos que pareciam feitos intencionalmente ou para adentrar numa conversa sem propósito. Como se a visão de alguém mergulhado num universo particular incomodasse.

Se em nossa sociedade “real” há uma espécie de ‘incômodo da leitura’, nesta história é atividade proibida, e vista como uma ameaça à ordem vigente. Os bombeiros existem não para apagar incêndios, mas para atear fogo em livros e casas que os escondessem. Não apenas



um *Index librorum prohibitorum*, mas toda e qualquer leitura é ameaçadora, tal qual os livros queimados por nazistas durante a Segunda Guerra. Se a ideia de bombeiros incendiadores de livros parece inverossímil, basta-nos apenas lembrarmos desse capítulo da história.

Igual ao “bombeiro-incendiador” Montag, há muitos por aí, reproduzindo um padrão incendiário, na tentativa de sufocar as ideias que não sabem quais são, mas que arranham a superfície de sua consciência exigindo que sejam examinadas de perto, que busquem conhecimento para lidar com elas. E, assim como ele, muitos passam a questionar a validade de seus atos e intenções, seduzidos pela irresistível necessidade humana de conhecer, imaginar, desconectar e reconectar, pois, “assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (Candido, 2017, 177).

Dito isso, quem consegue tolerar viver sem imaginar, sem se entregar a um pequeno momento de contemplação? São estes momentos que garantem nossa estadia mais prolongada na Terra, que nos permite um afastamento momentâneo de situações difíceis. Em um primeiro momento poderíamos argumentar que a televisão pode muito bem desempenhar o papel de condutora dessa ‘desconexão’ com a realidade, que ela tem o poder de atrair o olhar para um entretenimento sem riscos.

A literatura, porém, oferece algo que dificilmente a televisão conseguirá: imaginação. Na leitura, não importa quantas descrições sejam feitas, cada pessoa fará mentalmente a sua visão da história, seus detalhes, passagens, beleza e poesia. A tela, por mais espetacular que seja, sempre acaba matando um pouco da nossa imaginação. Por isso, a literatura torna-se uma necessidade básica, um direito: todos nós temos o direito de nos entregarmos à imaginação.

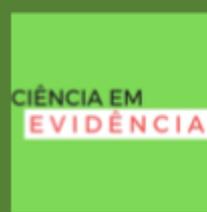
Referências

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Editora Globo, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre a Autora

Juliana de Lima França, formada em Letras pela Universidade Ibirapuera, especialista em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista (UNIP) e Mestre em História Social pela



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Língua Inglesa na rede municipal de ensino de São Paulo há 12 anos. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari.



Maria Flávia Laureto Cicigliano

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
mf.laureto@gmail.com

SOBRE IR ALÉM

Vidas Secas surgiu para mim, inicialmente, como obra listada para o tão famigerado vestibular. Ler nunca havia sido uma tortura para mim, diferente do que era para alguns de meus amigos, mas encarar muitos títulos literários de “peso” e ainda saber que eles é que seriam a chave para o tão sonhado curso de Jornalismo numa universidade pública me fazia ficar mais preocupada em “entender” a obra em si do que naturalmente apreciá-la.

Tendo conhecimento sobre a vida e obra de Graciliano Ramos, finalmente era chegada a hora de cumprir meu dever com aquele clássico. Sim, era mais do que querer, naquele momento, precisava daquela leitura e isso não soava como sendo tão agradável assim. Confesso que, para piorar, subestimei um pouco a temática abordada e não criei maiores expectativas, encarando aquela leitura mais como obrigatória do que por fruição.

Como fui ingênua! Claro, não contava com a genialidade de Ramos, a robustez de Fabiano, a coragem de Sinhá Vitória, a inocência do filho mais novo e a esperança contida no mais velho que, juntamente com a figura dicotômica, humanizada e afetuosa de Baleia fizeram com que eu me rendesse às agruras daquela família tão miserável e, ao mesmo tempo, sensível, embrutecida e fadada a um ciclo de desumanidade. Chorei, sorri, me encantei e me rendi.

Naquela época, uma jovem vivendo em sua bolha interiorana paulista, jamais havia tido contato com qualquer relato vindo de pessoas que viviam ou viveram em tão absurda realidade. Lembro de ficar dias refletindo sobre as condições sociais e a grande desigualdade que assolava e ainda assola nosso país. Mais do que me deleitar com a escrita impecável, Vidas Secas causou senso de cidadania e justiça social, porque, afinal, mesmo sabendo ser



uma obra ficcional, escancarou a dura realidade dos retirantes nordestinos. Fez com que eu ampliasse minha visão de mundo e refinasse minha criticidade enquanto cidadã.

Diante disso, me pego a refletir sobre o papel da Literatura, mais que isso, o direito a ela, que deveria ser constitucional. Antônio Candido sabiamente pondera que além de comida, saúde, habitação, entre outros, serem considerados incompressíveis a Literatura, por “garantir a integridade espiritual” também deveria compor este rol.

O que seria o homem se não tivesse a Arte para dar sentido aos seus dias tediosos, imersos em burocracias infindáveis e, muitas vezes, inúteis? É a Literatura que corrompe o limiar entre a monotonia e a alegria, a razão e a emoção, a mesmice e a aventura. O que seria de mim se não tivesse *Vidas Secas* para inundar e sensibilizar meu coração frente à dor do meu próximo?

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 74ª edição. São Paulo: Editora Record, 1998.

Sobre a Autora

Maria Flávia Laureto, nascida em Santa Fé do Sul – SP, mas mora há cerca de 12 anos em Indaiatuba – SP, onde leciona desde essa época. Fez Magistério e é formada em Letras – com habilitação em Inglês pelo Centro Universitário de Santa Fé do Sul (UNIFUNEC). Atualmente é professora efetiva da rede municipal e trabalha com duas turmas: Maternal II e um 5º ano. Apesar da discrepância entre os níveis de ensino, acredita que os desafios lhe ensinam constantemente a aprimorar sua prática pedagógica. Aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Esta é sua primeira pós-graduação e se sente orgulhosa por concluí-la em uma Instituição pública tão renomada quanto o IFSP. Apresenta seus sinceros agradecimentos a todo o fantástico corpo docente e aos seus caros colegas pelos ensinamentos, trocas e apoio em tantos momentos. A crônica intitulada “Sobre ir além” tem como motivação o fato de que foi a Literatura a responsável por ela se tornar uma pessoa mais sensível quanto à realidade e, ao mesmo tempo, mais consciente das mazelas pelas quais passam seus semelhantes.



Sergio dos Santos Clemente Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
prof.sergio.clemente@gmail.com

NAVIO NEGREIRO? ... NAVIO DE CRUZEIRO!

Era abril de 1868 e Antonio... aaahhh Antonio... retratara como ninguém, utilizando-se de sua maestria em brincar com as palavras, a dura realidade de um Navio, O Navio Negreiro, A tragédia no Mar.

É incrível perceber como a sensibilidade poética expressou tão brilhantemente o sentimento de um homem abolicionista, fortemente romântico, mas que transitava entre as diferentes dores do homem ... “é que para chorar as dores pequenas, Deus criou a afeição, para chorar a humanidade – a poesia” (Alves, 2008, p.8).

Estamos falando de um “clássico” da literatura nacional romântica do século XIX, no qual Castro Alves bebeu de fontes diferentes, separado pelo tempo se inspirou em Gonçalves Dias, e a ele contemporâneo, bebeu também dos ideais libertários de Victor Hugo. O resultado? Uma obra densa, profunda e dolorida, na qual expressa as dores do homem preto dentro de um Navio, o Navio Negreiro.

Como nos disse um outro Antonio, agora o Candido, a “literatura é o sonho acordado das civilizações” (Candido, 2017, p.177) e tem um papel de formador da sociedade. Pensar o direito à literatura como um dos direitos universais do homem é permitir ao homem do séc. XXI entender as percepções e as dores de um homem do séc. XIX.

Observando tais numerais romanos, as letras mudaram de posição, mas ao longo de 200 anos, as dores são as mesmas, talvez ainda menos compreendidas no sentido de que a dívida do ser humano para com o homem negro escravizado só aumenta.

Antonio, o Candido (2017), nos fala que há na literatura níveis de conhecimento que são intencionais, ou seja, são planejados pelo autor. Já aquele Antonio, o Castro Alves (2008), soube explorar de maneira singular essa intencionalidade ao escrever o seu poema.

Começa calmo, brilhante, e vai se intensificando ao mostrar a dura realidade desumana para com um ser igual, o negro.

Antonio, o Candido diz também que ao dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, a literatura nos humaniza (2017). Aquele Antonio, o Castro Alves (2008), esculpiu em cada palavra do lindo e triste poema romântico, a dureza, a dor e o sofrimento, sentimentos que devem servir para o ensinamento e purificação do homem contemporâneo, já que é pela dor que mais aprendemos.

Rerler O Navio Negreiro é relembrar dessa dívida com o homem preto.

Rerler O Navio Negreiro em pleno mês de novembro, quando se comemora a consciência negra, é perceber como o homem do séc. XXI ainda não aprendeu que somos todos iguais.

Quero ler um novo poema, sobe um Navio, mas não o Negreiro, um Navio de Cruzeiro, no qual toda a beleza, a singularidade e o brilho do negro seja exaltado, e sobretudo respeitado. Gratidão aos dois Antonios, esperando, quem sabe de um novo Antonio, esse novo poema que retrate a beleza e a felicidade de estar em um Navio de Cruzeiro.

Referências

ALVES, Castro. **O navio negreiro** – Tragédia no mar. São Paulo: Editora Global, 2008 (Coleção Fortuna Crítica).

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre o Autor

Natural de São Paulo capital e residente em Taboão da Serra, município da grande São Paulo, Sergio Clemente é Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da Escola de Comunicações e Artes da USP, e Mestre em Hospitalidade pelo PPG em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. É licenciado em Letras Português e Espanhol, e também em Letras Português e Inglês pela Universidade Cruzeiro do Sul; é licenciado em Pedagogia pela mesma Universidade; é Tecnólogo em Gestão Pública pelo Centro Paula Souza em parceria com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Anhembi Morumbi. É especialista em Gestão da Educação Pública pela UNIFESP e aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Para acompanhar a produção acadêmica do pesquisador acesse o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3503643622075037>



Tayná Gonçalves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
tayna.g.miranda@gmail.com

AS PEGADAS DA LITERATURA

Como Sabino em “A Última Crônica”, procuro inspiração para escrever. Ao contrário do cronista, porém, devo lançar um olhar para dentro de mim, não porque aqui vivam “os assuntos que merecem uma crônica”, mas porque é sobre minha experiência que devo falar, sobre minha relação com a literatura. Penso nas obras literárias que li, grandes e pequenas. Nas que se tornaram os meus clássicos. Nas que li mais recentemente. De súbito, um verso pulula na minha mente: *Caminante, no hay camino...*

Procuro na memória os primeiros versos do poema de Antonio Machado. *Caminante, son tus huellas / el camino, y nada más; / Caminante, no hay camino: / se hace camino al andar.*¹ Eu tinha nove anos, talvez, quando li o poema “XXIX” de Machado pela primeira vez. Seus versos emblemáticos fincariam pegadas na minha memória, acompanhando-me discretamente ao longo da minha trajetória de menina estudante de escola pública e moradora da zona rural. Não tem um caminho que eu deva seguir, são os meus próprios passos que constroem meu caminho, e nada mais. O poema de Machado parecia dar forma aos meus pensamentos, aos meus sentimentos e à minha maneira de ver o mundo. Dizia, de maneira simples mas poética, o que eu mesma talvez não conseguia expressar à época: eu não tinha que seguir o caminho que parecia já predeterminado para mim.

Assim, golpe a golpe, minhas pegadas vão construindo o caminho. E, verso a verso², a literatura - mesmo que seja em prosa - vai dando forma aos meus sentimentos, à minha visão do mundo, vai me organizando, me humanizando... O acesso ao poema de Machado, e a

¹ Em tradução livre: Caminhante, são as tuas pegadas / o caminho, e nada mais; / Caminhante, não há caminho: / faz-se caminho ao andar.

² *Golpe a golpe / verso a verso* - Referência à canção *Cantares*, de Joan Manuel Serrat. A canção foi escrita baseada nos versos de Machado, sendo uma homenagem do cantor ao poeta espanhol.



tantas outras obras literárias, foi/é para mim um bem necessário, do qual não poderia abrir mão. E, como já nos disse Antonio Candido, sendo um bem indispensável, a literatura deve ser direito de todos nós.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

SABINO, Fernando. **A última crônica**. Disponível na internet em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5144401/mod_folder/content/0/A%20%C3%9ALTI%20CR%C3%94NICA%20Fernando%20Sabino.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 09 mar. 2023.

SERRAT, Joan Manuel. **Cantares**. A letra da canção está disponível na internet em: https://www.cmtv.com.ar/discos_letras/letra.php?bnid=271&banda=Joan_Manuel_Serrat&DS_DS=3449&tmid=43116&tema=CANTARES. Acesso em: 09 mar. 2023.

Sobre a Autora

Tayná Gonçalves Miranda cresceu em um pequeno município do interior de São Paulo, em uma zona rural. Amante dos livros e da literatura, decidiu estudar Letras e, assim, aos 17 anos, mudou-se para a cidade de Araraquara para fazer sua graduação na Unesp. Lá, aprendeu outros idiomas e (re)descobriu sua paixão pelo mundo da linguagem. Atualmente, é professora de Português (como língua materna, língua estrangeira e língua de acolhimento). É aluna da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. Tem um carinho especial pela Língua Espanhola, que ano a ano vem lhe deixando novas *huellas*, ajudando-a a construir seu caminho.

Thiago da Silva Vieira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
tthiagotsv@gmail.com

INCERTEZA

Tudo começou de manhã, no mês de março, um dia lindo, tudo normal, entrei na sala de aula, discutimos sobre a escola literária: romantismo, assistimos a um vídeo, fizemos um debate, avisei que na próxima aula faríamos exercícios, alguns alunos questionaram, haverá a próxima aula? Eu respondi, provavelmente sim, sem saber ao certo o que estava por vir. Aquela foi a nossa última aula presencial, nossos planos mudaram, logo fomos informados sobre o avanço da pandemia, fiquei um mês sem contato com os alunos.

No início, a surpresa nos tomou conta, exigiu-nos mais cuidados, como o uso necessário de máscara, escondendo nossos sorrisos, mas clamando por mais segurança e controle do vírus, nos reflexos dos nossos olhos expressavam pavor e momentos de incertezas passaram a nos acompanhar.

Os simples gestos: um aperto de mão, um aconchego, um abraço, um beijo de encontro ou despedida, agora ausentes, nos deixaram distantes.

A tecnologia nos confortava, com uma imagem, um recado de áudio, muita leitura, o contato distante de quem amamos, outrora nos preocupava, polvilhando cinzas, notícias que não queríamos ver ou ouvir.

Mesmo de forma online nossas aulas de literatura não poderiam acabar, nós lemos, assistimos, discutimos e principalmente refletimos.

Sobre o Naturalismo, com a obra de: O Cortiço (Azevedo, 2012), refletimos sobre como o ambiente pode moldar as pessoas, discutimos sobre o espaço que nos rodeava, descrevemos, comparamos, destacamos, falamos muito mas também ouvimos os colegas cheios de emoções, destacamos os valores da vida.

Em instantes tudo pode acabar, assim como a aula, o recreio, como também o dinheiro, a saúde.

Nesses dias, parei, observei e refleti sobre os presentes da vida, uma amizade, o amor recíproco, um sorriso de uma criança, um forte abraço, o canto dos pássaros, o cheiro das flores, assistir ao pôr do sol, o tempo gasto com quem amamos.

Afinal há incertezas e tudo acaba.

Referências

AZEVEDO, Alúcio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Sobre o Autor

Thiago da Silva Vieira, professor de Língua Estrangeira Moderna - Inglês, é natural de Santa Bárbara D'oeste/SP, formado em Letras Português/Inglês pela Universidade Uniderp de Campo Grande/MS. Possui experiência de treze anos como docente em escolas de idiomas, públicas e particulares, na área de Educação-Letras, com ênfase nas abordagens lexical e comunicativa em ensino-aprendizagem das quatro habilidades da Língua Inglesa para crianças, jovens e adultos. Atualmente é docente de Língua Inglesa na Fatec de Americana e de Sumaré. Aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari. O texto desta crônica narra um dia de aula, manhã do mês de março de dois mil e vinte, pouco antes de iniciar o período pandêmico que mudaria nossas vidas para sempre.

Tiago Rebecca

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFSP Campus Capivari, São Paulo, Brasil
tiago.rebecca@fatec.sp.gov.br

VIRGÍNIA, AS FLORES E AS MULHERES

Para esta semana, eu escolhi o livro “Mrs Dalloway”, da Virgínia Woolf. A obra foi escrita em 1925 e retrata a sociedade inglesa da época. A obra é uma ficção, mas traz questões filosóficas, sociais e antropológicas. Vislumbra questões ligadas à (homo)sexualidade e à vida fútil e rasa da mulher inglesa do século XX, confrontando “na cara dura” a força e poder do homem na sociedade.

Seguindo os posicionamentos de Candido (2017), acredito que essa obra nos faz refletir sobre o que ele considera como o direito (e por que não dever) de uma obra de fazer o leitor se libertar do caos e nos humanizar. A obra, como o próprio Candido se posiciona, nos mostra como situações de restrições de direitos estão presentes em nossa vida, sem que percebemos.

A personagem principal vive uma vida de aparências e esconde seus anseios e desejos para satisfazer as exigências da época: uma mulher submissa, casta e feliz, mesmo que oprimida. Já na primeira frase, em que a personagem diz que “Ela mesma compraria as flores”, Virgínia mostra o empoderamento e a liberdade feminina tão desejados pela autora, em toda sua vida.

Em tempos de perseguição às mulheres que assumem o papel de pensadoras, que buscam os direitos da mulher, como no caso de Simone de Beauvoir, que foi massacrada por uma parcela conservadora (e hipócrita) por conta de seu discurso de que “Ninguém nasce mulher, Torna-se mulher”, Virgínia traz essa supressão da existência e da resiliência feminina.

Referências



CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In.*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. UK: Palgrave Macmillan, 1992.

Sobre o Autor

Possui graduação em Letras (Português e Inglês) pela Faculdade de Americana (2007) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (2017). Atualmente é professor titular do Centro Paula Souza (Fatec) em Americana e em Sumaré, nas disciplinas de Leitura e Produção de Texto, Comunicação Empresarial e Inglês. Foi professor efetivo na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e professor da rede particular de 1997 a 2022. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem de línguas mediado por tecnologias digitais. Aluno da 1ª turma da Pós-Graduação em Ensino de Línguas pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Capivari.